

**Fin'amors ou a invenção do amor cortês**

---

**letrônica**

---

Germana Cavalcante<sup>1</sup>

Il n'y a qu'un remède à l'amour : aimer davantage.  
Henry David Thoreau

"Enquanto o homem for homem, ele continuará a investir numa realidade transcendente e a imaginar significados além das aparências." (Boia, 1998, p. 31). Será, então, que o amor não é, ele também, uma invenção? E, se for, quem inventou o amor? E por quê? E o amor, também, não seria uma criação de um discurso sobre amor? Quanto há de amor sem as palavras para defini-lo? E quem veio primeiro, o amor ou as palavras que nos ensinam o que ele é?

Como se trata de um sentimento – que também pode ser uma invenção – talvez a pergunta mais correta não seria quem inventou o amor, mas sim quem inventou a maneira, ou as maneiras, de demonstrarmos o amor. Aqui, mais uma vez, cabe a pergunta 'quem veio primeiro'. Primeiro alguns homens amavam suas *senhor* tal qual vassallos 'amam' seus senhores ou primeiro houve a idéia de um amor, uma ficção do amor, que foi, à medida que era espalhada, tornando-se a regra de como amar?

É evidente que não pretendo responder essas perguntas aqui até porque talvez sequer haja uma resposta para elas, mas há, sim, lugar para pensar e questionar. Há lugar, também,

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras com habilitação em língua portuguesa e respectivas literaturas e em língua inglesa e respectivas literaturas, cursa agora mestrado acadêmico em Análises Textuais e Discursivas na UFRGS.

para investigar o que já foi falado sobre isso e traçar uma linha histórica dentro de uma tradição que nos leve a olhar o amor de outra maneira, mas não necessariamente.

De acordo com Boia (1998), todo discurso sobre o homem passa pelo crivo do imaginário e falar do *outro* é falar sobre a mínima diferença ou sobre a diferença total, chegando aos limites da bestialidade ou da divindade. Ora, falar de amor é falar do outro, é falar deste outro para quem direcionamos nossos sentimentos mais sublimes, o sentimento mais valorizado, o sentimento mais literário e poético. Se até a base da nossa sociedade se sustenta no amor ao próximo, assim como pregava Jesus Cristo, então falar de amor é falar de nós mesmos.

Vejamos, então, um pouco do que se fala do amor.

Segundo a Bíblia, o Novo Testamento, Mateus, capítulo 5, versículos do 43 ao 48, Jesus diz:

"Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste."

Há, aqui uma valorização do amor como um sentimento que eleva o homem, colocando-o perto do seu deus. É assim porque esse deus ama a todos, manda a chuva e o sol para todos, indiscriminadamente. Parece, portanto, que toda a nossa sociedade ocidental é calcada neste ideal do amor fraterno, do amor acima de tudo, mesmo tendo tantas demonstrações do contrário. Este tipo de amor, no entanto, não é o amor romântico, o amor cortês. Mas é chamado de amor mesmo assim. O que, então, os iguala e os diferencia?

Louise Labé escreve, em 1555, que sem o deus Amor – ou Cupido –, tudo estaria arruinado. Ela lista todos os feitos do Amor para o bem da humanidade e para os próprios deuses. Diz também que foi Amor quem inventou a música e a poesia:

"Eu diria que a Música foi inventada por Amor e que o canto e a harmonia são efeito e sinal de Amor perfeito. Os homens a usam para adocicar seus desejos inflamados ou para ter prazer... e chegam a inventar ... sonetos... e tudo em comemoração do Amor. ... Resumindo, prazer maior do que estar perto do seu amor é dele falar... Mas quem faz tantos poetas no mundo em todas as línguas? Não é o amor? Qual parece ser o assunto do qual todos os poetas querem falar. E que me faz atribuir a poesia ao Amor... É que, assim que os homens começam a amar, eles escrevem versos."<sup>2</sup>

Na peça, "Débat de Folie et d'Amour" (1555), estas palavras foram proferidas por Apolo, que era o defensor do Amor numa disputa com a deusa Loucura, defendida por Mercúrio. O deus Cupido, que provoca o amor nas pessoas, reclamava que a Loucura havia furado seus olhos e pedia a Júpiter que a mantivesse à distância dele. No julgamento, porém, Loucura comprova ser tão necessária quanto Amor para a humanidade e Júpiter decide, então, que a Loucura guiará Amor e que eles viverão juntos, amigavelmente.

Roland Barthes escreve todo um livro sobre o discurso amoroso. "Fragmentos de um discurso amoroso" (1981) é uma ode ao discurso amoroso, ao que se acha na literatura sobre os sentimentos que acompanham o amor, ao modo de representar o que é o amor.

"Substitui-se, então, à descrição do discurso amoroso sua simulação, e devolveu-se a esse discurso sua pessoa fundamental, que é o eu, de modo a pôr em cena uma enunciação e não uma análise. É um retrato, se quisermos, que é proposto; mas esse retrato não é psicológico; é estrutural: ele oferece como leitura um lugar de fala: o lugar de alguém que fala de si mesmo, apaixonadamente, diante do outro (o objeto amado) que não fala."

E talvez seja assim, dando voz ao apaixonado, que a literatura pôde espalhar novas formas de amar que, por motivos muito obscuros, talvez ligados ao imaginário ou à própria estrutura mental<sup>3</sup> do ser humano, foram caindo no gosto popular e – até muito mais do que isso – foram sendo valorizadas culturalmente, tornando-se modelo e desempenhando seu papel de educação. Educação sentimental, é bem verdade, mas a literatura, sempre tão frequentada pelo amor, não pode ser ignorada como veículo divulgador de novas formas e maneiras de expressão.

---

<sup>2</sup> Tradução minha

<sup>3</sup> Ou história psicossocial: "primado psicológico nos seus aspectos mais profundos e permanentes, mas sempre manifestados historicamente, dentro e em função de um determinado contexto social, que por sua vez passa a agir a longo prazo sobre aquele conjunto de elementos psíquicos coletivos." (Franco, p.150)

Talvez seja demais afirmar que foi a literatura quem ensinou os amantes a beijar, a trocar carícias eróticas. Contudo, afirmar que a literatura ensinou a manifestar o desejo pode não ser tão absurdo. Afinal, quantas vezes as pessoas comuns, quando apaixonadas, acreditando serem incapazes de colocar em palavras suas próprias emoções e sentimentos, não recorrem à poesia, ou à letra de uma música, para expressar seus desejos sobre o ser amado? Acredito que nunca se analisou estatisticamente isto, e nem seria preciso. Então, se o amor é uma invenção da literatura não se pode saber. Mas a literatura é a memória dele. E é essa memória do amor que vemos nas cantigas de amor, primeiro trabalho literário escrito em português – na verdade, galego-português, nosso ente mais próximo.

Há controvérsias sobre a origem ou ascendência das cantigas de amor, mas uma possibilidade é que ela tenha vindo dos trovadores, que, segundo Paz, foram os responsáveis pela criação do 'amor cortês' – *fin'amors* –, amor, este, que seria um "ideal de vida superior" (p. 69, 1994). Ainda para este autor, esse amor representa uma estética visto que não tem como fim nem a reprodução, nem o mero prazer carnal. Para que assim pudesse ser, percebe-se um deslocamento da representação da mulher (ao menos na literatura). Não seria possível amar uma mulher enquanto esta fosse simplesmente um ser inferior, cuja única função fosse a gestação. A mulher amada pelos trovadores já era uma mulher da nobreza, que gozava de mais liberdade. Um outro fator que contribuiu é que os casamentos eram praticamente arranjos jurídico-comerciais<sup>4</sup>. O trovadorismo surge, então, numa sociedade cristã, cuja igreja defende veementemente a fidelidade, mas não comunga dos preceitos desta igreja que considera o sexo aceitável apenas para a procriação e que jamais pode ser praticado em datas de celebração dos santos ou festividades cristã. Os trovadores, foram, portanto, perseguidos pela igreja de Roma e pelos cátaros, que acreditavam que a carne, matéria, era obra de Satã. Tudo o que eles veneravam na poesia, o corpo e a mulher, eram de alguma maneira rechaçados nas religiões. Pensar que "...a história do amor é inseparável da história da liberdade da mulher" (Paz, p. 73, 1994) faz muito sentido pois quando um dos dois que formam um par é de alguma maneira inferiorizado, não há, na verdade, um par. Há alguma outra relação, que não é sequer de relativa igualdade, faltando, pois, respeito e consideração, entre outros.

Ainda sobre os trovadores, Gumbrecht (1998) fala de transgressão. Ao ser o primeiro em alguma coisa, fala-se de passar um limite, a fronteira do *status quo*. Guilherme IX foi o

---

<sup>4</sup> Segundo George Duby (p. 26, 1989), o monge Henri de Lausanne, por exemplo, pedia que se afastasse do casamento toda negociação de dinheiro.

primeiro a escrever a poesia trovadoresca. Esta é um tipo de poesia que era acompanhada de música, era recitada, era interpretada. Assim, o amor do texto não era tão somente platônico, mas era, antes, passível de realização (p. 41). Isto vem confirmar a posição de Paz sobre as histórias do amor e da liberdade das mulheres estarem ligadas.

As origens dos trovadores, por sua vez, também não são claras. Essa transgressão deve ter sido motivada por alguma outra mudança, provavelmente além das mudanças já citadas no *status* das mulheres. Uma possibilidade seria a literatura árabe, mais especificamente a de Ibn Hazm. Os árabes ocupavam a península Ibérica e é possível, de acordo com estudiosos, então, que tenha havido contato entre eles. Assim, a arte, em geral, pode ter sido contagiada pela arte árabe. Mais especificamente na literatura, a influência pode ter partido, por exemplo, de *El Collar de La Paloma* (2001), onde se lê um capítulo inteiro sobre a união amorosa. Hazm afirma que não há alegria comparável a ela. Mesmo já tendo tido dinheiro, prazeres variados, dado voltas diversas, mesmo a beleza, nada se compara a este momento supremo, o do encontro dos apaixonados, dos que se amam.

Entretanto, nas cantigas de amor portuguesas, as coisas não parecem ser tão resolvidas assim. Afinal, neste caso, não há união amorosa. Segundo Freixedo (2003), o amor do poeta das cantigas de amor, é um amor impossível, um amor não correspondido. Logo, o enamorado sofre de um amor forçado pois, se pudesse, não amaria. Mas este amor o invadiu e se apossou dele desde o início, não podendo ele evitá-lo. E a culpa é de Deus. É por castigo divino que o poeta ama, que ele não é dono do seus olhos e do seu coração. Também pode ser culpa da beleza da dama, que não o deixa outra alternativa que não a amar. Ele se apaixona e ama desde a primeira vez que a viu. E sofre.

Uma cantiga que pode muito bem exemplificar o que foi dito é esta, de D. Dinis<sup>5</sup>, que ele diz que a sua *senhor* o mata sem motivo e que ela terá que prestar contas a Deus:

Que razon cuidades vós, mia senhor,  
 dar a Deus quand'ant'El fordes por mi,  
 que matades, que vos non mereci  
 outro mal senon se vos ei amor,

---

<sup>5</sup> In Antoloxia da lírica galego-portuguesa.

aquel maior que vol'eu poss'aver;  
ou que salva lhi cidades fazer  
da mia morte, pois vos morto for?

Evidente que, sendo esta dama casada ou não disponível para o poeta, este amor é secreto. Se a dama souber do amor, ela pode ser cruel, como exigindo o afastamento do enamorado, proibindo o sofredor de a ver. Ou ela pode ter pena, o que também não interessa ao poeta.

Nesta outra, também de D. Dinis<sup>6</sup>, ele mostra que seu amor é tão grande que mesmo distante, ele está muito perto, mais perto que a própria *senhor*:

Pero que eu mui long'estou  
da mia senhor e do seu ben,  
nunca me Deus dé o seu ben,  
pero m'eu [de]la long'estou,  
se non é o coração meu  
máis preto dela que o seu.

Essas cantigas se inserem, então, numa tradição de culto ao amor que, mesmo apresentando mudanças ao longo do tempo, mantêm uma valoração deste sentimento. Elas traduzem para o galego-português, sem deixar de adaptá-las ao gosto e às crenças locais, os modos de manifestação desse amor elevado, cortês, de adoração da mulher amada, promovendo a valorização dessa mulher na literatura.

---

<sup>6</sup> *In* Antoloxia da lírica galego-portuguesa.

As mulheres, aqui, parecem estar mais para as divindades a que Boia (1998) se refere, um ser perfeito. Nisso a imagem das mulheres difere profundamente da que era mais ou menos comum numa época tão misógina, quando elas estavam mais próximas à bestialidade. A Igreja, por exemplo, sempre colocou a mulher como ser inferior, que devia obediência ao homem. Ela sequer era cidadã com direitos jurídicos como os homens. A mulher devia submissão ao homem pois ela era fraca<sup>7</sup>. A lista de defeitos das mulheres é longa: foi a causa da expulsão do homem do paraíso; imperfeita; fria; natureza animal passiva; pecadora; causa do pecado masculino. Entretanto, a partir das cantigas de amor algo mudou. Não é possível saber – e provavelmente as coisas foram acontecendo ao mesmo tempo, já que se trata de uma mudança tão profunda e que, de muitas maneiras, não parece estar completa – quando essa mudança aconteceu e exatamente porquê. Mas mudou. E isto está registrado, mesmo que como ficção, como jogo, como sonho, nessas cantigas.

Fica, então, mais uma vez registrado como é indissociável a relação mulher – homem – amor (a ordem seria aleatória. Poderia ser amor – mulher – homem ou homem – amor – mulher). Numa relação a dois, todos perdem se um não tem direito a ser quem é ou sofre algum tipo de penalidade por ser quem é. No entanto, isto não define os termos desta relação. Por isso, o papel da literatura é representar formas possíveis, formas que estão no imaginário, formas que são consideradas em cada período como as formas ideais, as pessoas ideais, os amantes ideais.

Se se pudesse perguntar se a vida imita a arte ou se a arte imita a vida, fica aqui mais uma pergunta sobre a literatura e a vida: o amor é uma invenção da literatura ou é a literatura uma invenção do amor? A memória do amor, no entanto, está claro que a literatura é. Mesmo que um relato pessoal, de um único acontecimento, a literatura e, mais especificamente, as cantigas de amor, são retratos de crenças e, principalmente, de sentimentos ou de possibilidades de sentimentos daquela época. É um relato do que se é possível falar e, logo, pensar.

De qualquer maneira, pode-se até mesmo chegar aos dias de hoje nesta tradição de amor romântico, que começou cortês. Por isso, além do interesse histórico e filológico, por terem sido os primeiros textos escritos em português, essas cantigas têm também valor humano por fazerem parte desse imaginário do amor. Essa construção do amor começou há

---

<sup>7</sup> Ver Le Goff, Dicionário temático do ocidente medieval.

tanto tempo, talvez na Idade Média, e pode ser que nunca tenha fim, já que os seres humanos parecem continuar em mudança. Talvez não uma mudança estrutural profunda, mas uma mudança, ou uma adaptação, aos tempos e às novas necessidades e crenças, com suas diferentes formas de valorização de diferentes características, novos imaginários, mas, ainda assim, falamos de amor.

## Referências

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1981.

Bíblia Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2ª edição, 2000.

BOIA, Lucian. *Pour une histoire de l'imaginaire*. Paris : Les Belles Lettres, 1998.

DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens*. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

FRANCO Jr, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FREIXEDO, Xosé B. A. *Antoloxia da lírica galego-portuguesa*. Vigo: Ediciones Xerais de Galicia, 2003.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.

HAZM, Ibn. *El collar da la Paloma*. Versão de Emilio García Gómez. Madri : Alianza Editorial, 2001.

LABÉ, Louise. Débat de Folie at d'Amour. 1555-1556, Lyon in BERRIOT, Karine. Louise Labé: *La Belle Rebelle et le François nouveau*. Paris : Editions du Seuil, 1985.

LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. Masculino/Feminino. *Dicionário temático do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC.

PAZ, Octávio. *A Dupla Chama – Amor e Erotismo*. São Paulo: Editora Siciliano, 1994.

Citação: <http://www.evene.fr/citations/theme/amour.php>

Recebido em março de 2012.

Aceito em junho de 2012.

Contato: gecavalcante@gmail.com